arte têxtil em
Turmalina e Veredinha
Jequitinhonha, MG

sala do artista popular

218

2026

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

SALA DO ARTISTA POPULAR 218
Arte têxtil em Turmalina e Veredinha – Jequitinhonha, MG

Realização

Ministério da Cultura
Ministra: Margareth Menezes

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Presidente: Deyvesson Israel Alves Gusmão

Departamento de Patrimônio Imaterial
Diretora: Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Diretor: Rafael Barros Gomes

Coordenação Administrativa
Lucilene Malaquia da Silva

Coordenação Técnica de Memória, Documentação e Difusão
Raquel Dias Teixeira

Coordenação Técnica de Pesquisa e Projetos Especiais
Ana Carolina Nascimento

Museu de Folclore Edison Carneiro
Elizabeth Bittencourt Paiva Pougy

Biblioteca Amadeu Amaral
Ana Patrícia Guimarães

Divisão de Arquivo
Daniel Reis

Difusão Cultural
Lucila Silva Telles

Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro
Presidente: Célia Corsino
Coordenadora técnica: Elizabete Vicari
Assistente de coordenação: Renata Ferreira Alves
Auxiliar administrativo: Izabele Ibipiano Bezerra Proença
Auxiliar de comercialização: Bruna Thaize Proença Pereira

Parceria:

Realização:

Programa Sala do Artista Popular

Coordenação
Ana Carolina Nascimento

Pesquisa e texto
Ana Lima Kallás

Fotografias
Ana Lima Kallás – p. 13, 22 (revistas), 24, 29, 31
Francisco Moreira da Costa

Projeto de exposição e produção
Flávia Klausing Gervásio
Luiz Carlos Ferreira

Programação visual
Aurélio Marques Fernandes | Feeling Propaganda

Edição e revisão de textos
Lucila Silva Telles
Natália Natalino | Feeling Propaganda

Comunicação
Juliana Santana

Assessoria de imprensa
Monica Riani

Produção audiovisual
Alexandre Coelho Neves

Montagem
Jorge Guilherme de Lima
José Marcos Macedo Tertuliano

Parcerias
Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV)
Secretaria de Cultura e Turismo de Turmalina

Agradecimentos
Benedetta Neri, Jaine Raniele Gomes Xavier, Maria Aparecida das Graças Oliveira, Roberta Alves Silva, Samuel Meireles Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Amadeu Amaral

A786
Arte têxtil em Turmalina e Veredinha - Jequitinhonha, MG / pesquisa e texto Ana Lima Kallás. – Rio de Janeiro: CNFCP, 2026. – (Sala do Artista Popular, n. 218).
36 p.

ISSN: 1414-3755

Catálogo da exposição realizada de 17 de setembro a 29 de novembro de 2026.

1. Tecelagem. 2. Bordado. 3. Artesã. 4. Turmalina, MG. 5. Veredinha, MG. 6. Jequitinhonha, MG. I. Kallás, Ana Lima. II. Série.

CDU 746(815.1)

Elaborado por Juliana Taboada - CRB-7/6661

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas, no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas seis exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de dois meses de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.

Rio Araçuaí

arte têxtil em Turmalina e Veredinha
Jequitinhonha, MG

Ana Lima Kallás

Muito já se observou sobre as contradições que marcam o Vale do Jequitinhonha: de um lado, perspectivas que o apontaram como "vale da miséria"; de outro, as que o definiram como "vale de riquezas e de diversificado patrimônio cultural". A primeira identidade esteve relacionada aos menores índices de desenvolvimento do estado de Minas Gerais e às condições de pobreza de grande parte de sua população (IBGE, 2026).[1] Também está associada à destruição socioambiental ocasionada pela monocultura do eucalipto e pela atividade mineradora, em especial pela extração do lítio, que atinge comunidades rurais, indígenas e quilombolas nos municípios de Araçuaí e Itinga. A crise hídrica, a poluição do ar e os danos às casas estão presentes nos relatos de moradores da região.[2]

A segunda identidade está associada à abundância de recursos minerais no subsolo, ao encontro de biomas (Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga), aos recursos hídricos e às paisagens, além das diversas expressões de arte popular, como a tecelagem, o bordado, a cerâmica e os trabalhos em couro e madeira, saberes-fazeres que se expressam há séculos. A riqueza do Vale também está nas festas de devoção, como as de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo. O Vale ainda sedia o Festival de Cultura Popular (Festivale), que conta com mais de 40 edições e reúne artistas, pesquisadores, músicos e artesãos em 51 municípios da região.[3]

O Vale do Jequitinhonha está localizado na porção nordeste de Minas Gerais e abrange também uma pequena parte do sudeste da Bahia, com cerca de 70.315 km². A população local classifica o Jequitinhonha mineiro em Alto, Médio e Baixo. Turmalina e Veredinha estão situadas no Alto Jequitinhonha.

Turmalina, MG

Turmalina tem área territorial de 1.153,111 km² e população estimada em 20.769 pessoas (IBGE, 2023). A cidade se expandiu a partir da exploração do ouro às margens do rio Araçuaí, no século 18, acompanhada do plantio de alimentos para os mineradores. No mesmo período, formou-se o arraial de Nossa Senhora da Piedade, com a construção de uma capela. A povoação de Piedade dedicava-se ao cultivo de milho, feijão e algodão, comercializados com os garimpeiros de Minas Novas e Água Suja, atual Berilo. Até o século 19, o distrito de Nossa Senhora da Piedade pertencia a Minas Novas; a denominação foi alterada para Turmalina em 1923 e, em 1948, ganhou a condição de cidade, abrangendo os distritos de Turmalina, Caçaratiba e Veredinha. A economia local segue ligada à agricultura e à silvicultura, com destaque para o cultivo do pequi e do eucalipto, explorado para a produção de carvão, lenha e madeira em tora (IBGE, 2026).

Pintura em parede de casa | Turmalina

Veredinha, MG

Veredinha está situada a cerca de 40 km de Turmalina, com área de 631,691 km² e população estimada em 5.240 pessoas. A cidade se formou a partir de um ponto de tropeiros que transportavam mercadorias para venda em outras cidades do entorno. Ali foi construída uma capela a Nosso Senhor do Patrocínio, que ganhou uma estátua do santo vinda da Itália. O distrito foi criado em 1875, ainda subordinado a Minas Novas. Em 1948, Veredinha foi anexada ao município de Turmalina, permanecendo assim até 1995, quando se emancipou (IBGE, 2026). A economia local é similar à de Turmalina, prevalecendo a atividade agrícola e a plantação de eucalipto.

A cadeia do algodão no Vale do Jequitinhonha

Embora a cerâmica do Vale seja bastante conhecida pelos trabalhos de diversos artistas populares – Maria Lira, Izabel Mendes da Cunha, Ulisses Pereira, Noemisa Batista dos Santos, Maria Assunção Ribeiro, Rosana Pereira,[4] entre outros –, a arte têxtil guarda uma longa tradição na região. O cultivo do algodão, sua colheita, descaroçamento, cardagem e fiação foram descritos pelos viajantes europeus do século 19 que passaram pelo norte e nordeste de Minas Gerais. Nos escritos de Saint-Hilaire, há referências aos algodoais e à fiação em Minas Novas e em Água Suja, considerada um dos berços da tecelagem rústica:

> O algodoeiro é, em geral, uma das plantas que se cultivam com maior êxito nos arredores de Passanha. Nada é tão pouco dispendioso nesse paiz como o cultivo do algodoeiro, e nada produz tanto [...]. Nos arredores de Passanha, porém, assim como em Minas Novas, o districto da Provincia mais propício ao algodão, esses arbustos rendem a partir do primeiro anno; a segunda colheita, entretanto, é mais abundante que a precedente. O algodão de Passanha é, disseram-se, de qualidade excelente. (Saint-Hilaire, 1938, p. 339)

As primeiras produções têxteis do Alto Jequitinhonha tinham função utilitária e destinavam-se às camadas populares. Mulheres aprenderam a fiar para vestir a família e fornecer cobertores para aquecer. Peças têxteis também eram trocadas por gêneros alimentícios em feiras livres ou entre famílias. Muitas bordadeiras que hoje integram associações de artesãos aprenderam a tecer e bordar com mães e avós, várias delas

também "paneleiras", que produziam objetos de barro para as necessidades domésticas. Durante o dia, trabalhavam na lavoura e no barro; à noite, teciam. A dedicação ao artesanato também esteve presente nas entressafras. Famílias se dedicavam à agricultura e à criação de animais e somavam a essas atividades a olaria, a tecelagem, o trançado com fibras vegetais e trabalhos com renda, couro e madeira, dedicando-se secularmente à elaboração de equipamento doméstico e vestuário (Frota, 1984, p. 15).

> *Minha mãe trabalhava com tecelagem, era agricultora, e eu falo que não aprendi porque a atividade de tecer era depois que colocava a gente pra dormir; na roça, dormia cedo. Depois que passava toda aquela luta ali, ela ia tecer. E o tecer não era pra bordar, não era pra vender: era pra fazer vestuário. É isso que a gente está tentando hoje resgatar, e estou com muito gosto nisso. Ela fazia o tecido, fazia o fio... O mais grosso pra cobertores e o mais fino pra toalhas de banho, toalhas de mesa, calças. Lembro bem que até não tinha elástico; era a linha e o pavio. Então, era um trabalho que ela fazia à noite pra vestir a família. Aqui em Turmalina, participei da criação da Associação e comecei a bordar pra vender. Aí já era uma parte mais ornamental, não era de utilidade pra casa, igual antes. Um dia, presenteei ela com uma peça, aí ela falou comigo assim: "Nossa, minha filha, é muito bonita, mas eu não vou querer, não. Pode vender, porque estou tão cansada desse tecido grosso". Ela falou que assava debaixo do braço, porque o tecido era mais grosso. E era só ele, só ele. Então, ela falou que cansou de usar só aquilo.*
>
> — **Maria Aparecida Oliveira (Cida)**, bordadeira e presidente da Astur Turmalina, 19 maio 2026

Assim como a cerâmica, a arte têxtil está profunda e historicamente relacionada à agricultura. Quase todas as mulheres entrevistadas vieram das áreas rurais do entorno e sempre conciliaram o trabalho na lavoura com a tecelagem. Mudanças sociais, políticas e econômicas intensificaram o êxodo rural: hoje, todas as mulheres associadas de Turmalina e Veredinha vivem em zonas urbanas, embora tenham passado grande parte da infância e juventude em zonas rurais.

Desde o século 16, várias expedições se dirigiram para o nordeste de Minas em busca de riquezas minerais. A ocupação definitiva ocorreu no século 18, com as atividades mineradoras e, em seguida, agropastoris (Silva, 1998, p. 76). A região foi alvo da busca por ouro e diamantes, o que explica o nome de muitas cidades do Vale do Jequitinhonha: Diamantina, Berilo, Pedra Azul, Turmalina, Carbonita. Esse processo ocorreu através da guerra contra as etnias indígenas que habitavam o território, como os Malalis, pertencentes ao grupo denominado na época de Botocudos, do extenso tronco Macro-Jê (Ribeiro, 2008, p. 46-47).

Com o esgotamento da mineração, a região passou a se concentrar na agricultura de mantimentos e a terra foi dividida para uso familiar. Os chamados "desclassificados do ouro"[5] espalharam-se pela região, sobrevivendo no interior de fazendas ou com pequenas posses. Nas terras úmidas das grotas, ficaram as moradias e os cultivos de mantimentos para consumo próprio e comercialização em feiras livres. As áreas planas e altas das chapadas tornaram-se terras comunais e, apesar da baixa fertilidade, eram abundantes em recursos naturais (Calixto *et al*., 2009, p. 523).

> Em todo o termo de Minas Novas, que compreendia todo o nordeste da capitania de Minas, plantava-se algodão, milho, feijão, trigo, batata, banana e, sobretudo, mandioca. A ocupação principal era a criação do gado [...]. A plantação de algodão era predominante, além da fabricação de tecidos, cobertores, o que proporcionava melhores condições de vida às pessoas. (Silva, 1998, p. 77-78)

A partir de meados da década de 1970, durante a ditadura empresarial-militar, o Alto Jequitinhonha foi alvo de políticas públicas voltadas à implantação da monocultura de eucalipto, transformando a região em fornecedora de matéria-prima para a indústria siderúrgica. Pensada como estratégia de "segurança nacional", a atividade deveria converter o território em produtor de carvão vegetal para a fabricação do ferro-gusa, então prioridade da industrialização brasileira (Silva *et al*., 2022, p. 63-65). Os impactos ambientais e sociais dessa política são visíveis até hoje: pesquisadores apontaram que os maciços de eucalipto alteraram a dinâmica da água, "secando mananciais, ocasionando insegurança hídrica em localidades, gerando custos ambientais, culturais e socioeconômicos para as comunidades lavradoras" (Silva *et al*., 2022, p. 63). As comunidades rurais testemunharam a desaparição de nascentes, o secamento de córregos e a escassez que se seguiu à expropriação da terra e da água.

Os eucaliptos foram plantados nas chapadas, transformadas em "terras devolutas" e cedidas a grandes empresas, como a Acesita[6] e a Suzano. A privatização das chapadas homogeneizou a paisagem, reduziu a biodiversidade do Cerrado, destruiu habitats para a fauna e elevou a pressão sobre os recursos hídricos, além de expropriar famílias de lavradores (Calixto *et al*., 2009, p. 524).

Eucaliptais nos arredores de Turmalina e Veredinha

A região conhecida como "Chapada das Veredas", formada por áreas dos municípios de Turmalina, Veredinha e Minas Novas, foi a mais afetada pelo reflorestamento de eucalipto nos anos 1970, pelas lutas por terra e direitos de trabalhadores rurais nos anos 1980, pelas migrações temporárias dos anos 1990 e pela maior extensão de eucaliptais do país no século 21 (Silva *et al*., 2022, p. 66). As migrações temporárias atingiram principalmente os homens, produzindo o fenômeno conhecido como "viúvas de maridos vivos" (Silva, 1998, p. 79).[7]

Esse processo impactou a plantação de algodão, tão característica da região. Focado na subsistência, no artesanato e na economia das comunidades locais, o cultivo foi reduzido diante da expansão dos eucaliptais e de seu modelo de *commodity* extensiva. A seca também prejudicou o plantio e a colheita, provocando a morte das sementes, a queda das flores, o encurtamento das fibras e o fim da irrigação, com o secamento dos rios próximos.

A falta de emprego e a redução dos espaços para a agricultura familiar fomentaram o êxodo rural. A migração para as cidades trouxe mudanças na relação das mulheres com a atividade têxtil, que passou a ser feita para a comercialização e não mais para atender às necessidades da família. Como bem observou Lélia Coelho Frota (1984), a transição da produção utilitária para a artística foi estimulada por fatores externos à comunidade. Muitas das mulheres que teciam e bordavam eram "viúvas de maridos vivos" e precisavam seguir no ofício para garantir uma fonte de renda, tornando-se as principais provedoras da família. Igualmente, observou-se uma mudança fundamental no uso da matéria-prima: o fio deixou de ser fiado a partir do algodão plantado e colhido nos quintais das casas e passou a ser comprado pronto. O barbante, feito com resíduo do algodão, tornou-se o principal insumo.

Entre as mulheres com as quais conversamos, várias comentaram que, quando se mudaram para Turmalina ou Veredinha, foram contratadas para a confecção dos Tapetes de Arraiolos, com sede em Diamantina.

Barbantes e linhas à venda na Associação Comunitária dos Artesãos de Turmalina (Soarte)

A iniciativa, encabeçada pelo arcebispo local, surgiu com o objetivo de criar oportunidades de trabalho para mulheres desempregadas, de modo que pudessem complementar o orçamento familiar. O saber-fazer do tapete típico português foi transmitido por um casal de portugueses para o treinamento de monitoras, que posteriormente formaram artesãs em Diamantina e cidades vizinhas. Turmalina e Veredinha sediaram polos de treinamento a partir da iniciativa do padre e de sua assistente, conhecidos como padre Silvano e dona Generosa – a monitora que ensinou os pontos do bordado. Foram os casos de dona Celuta Ferreira dos Santos, uma das fundadoras da Associação de Artesãos de Turmalina (Astur), e Lindaura Pereira Santos Cordeiro, secretária-geral da

Associação dos Artesãos de Veredinha (Artever). Em 1978, foi criada a Cooperativa Artesanal Regional de Diamantina, que congregava cerca de duas mil bordadeiras em Diamantina e nas cidades vizinhas, desenvolvendo o trabalho de confecção dos Tapetes de Arraiolos.[8] As bordadeiras recebiam a matéria-prima e os instrumentos de trabalho (telas, fios, agulhas, desenhos, moldes, lãs) de uma representante da Cooperativa de Diamantina e executavam as tarefas a elas designadas. Recebiam por peça entregue e realizavam todas as etapas do bordado, com exceção do arremate, feito em Diamantina (Silva, 1998, p. 97-98). Os tapetes eram vendidos nas capitais do país e no exterior e ainda hoje são comercializados em Diamantina. Os desenhos mais comuns eram florais coloridos.

Com o fim da tapeçaria em Turmalina, foram criadas, nos anos 1990, associações de artesãs, resultado da demanda dessas mulheres por gerar renda familiar por meio do artesanato. Apesar da diferença nos pontos e na espessura dos fios, o bordado de Turmalina e Veredinha ficou conhecido pelo ponto-cruz em tecido de algodão, com cores fortes e vibrantes e, em sua maioria, desenhos de flores, como nos Tapetes de Arraiolos. Uma vez associadas, essas mulheres passaram a conceber suas peças do início ao fim, deixando de realizar tarefas para outras pessoas, embora ainda persistisse a lógica do "contrato" de tecelãs, bordadeiras e crocheteiras para determinadas etapas do processo.

Casa da Cultura | Turmalina

Associação das Artesãs de Turmalina (Astur)

As associações de artesãs de Turmalina e Veredinha: o trabalho em rede

A Associação de Artesãos de Turmalina (Astur) foi fundada em 1992 por iniciativa de 15 mulheres, com apoio da prefeitura local, que cedeu um espaço na Casa de Cultura para a exposição e comercialização das peças. A prefeitura também remunera as assistentes de venda e, eventualmente, contribui com o transporte das artesãs ou de suas peças para as feiras. Atualmente, a Astur conta com 30 mulheres associadas, que trabalham em suas casas, mas fazem compras coletivas de matérias-primas e insumos para revenda, trocam trabalhos e estabelecem parcerias com órgãos governamentais e não governamentais. As associadas "contratam" serviços específicos de outras tecelãs, bordadeiras, crocheteiras e costureiras, chamadas de "beneficiadas indiretas", que atualmente somam 100 pessoas, segundo a Astur.

Interior da Astur | Turmalina

Peças embaladas na Astur

Já a Associação Comunitária dos Artesãos de Turmalina (Soarte) foi fundada em 1995 pelas artesãs Valdete Médice e Nildete Mendes (dona Duquinha). Hoje, conta com 22 associadas e 74 beneficiadas indiretas.

Interior da Soarte | Turmalina

Peças à venda na Soarte

A Associação dos Artesãos de Veredinha (Artever) foi fundada em 2000 por iniciativa de 12 mulheres, tendo à frente as artesãs Maria Eugênia Cordeiro e Maria Nilza Rodrigues Maciel, primeiras presidente e vice. Atualmente, conta com 21 associadas e 260 beneficiadas indiretas.

Interior da Artever | Veredinha

A prática do associativismo foi fomentada por organizações governamentais, como a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf)[9] e as prefeituras municipais de Turmalina e Veredinha, e não governamentais, como o Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV). Entidades como o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) também incentivaram o associativismo, oferecendo cursos de empreendedorismo, aprimoramento técnico, corte e costura e embalagem. De forma geral, considera-se que a prática contribui para maior inserção das artesãs no mercado.

Efetivamente, as associações foram conquistas importantes para as bordadeiras, tecelãs e costureiras de Turmalina e Veredinha. Uma vez associadas, passaram a contar com espaços para exposição e venda de suas peças. Embora ainda pequenas e um pouco escondidas nos centros de ambos os municípios, as sedes são pontos de referência para artesãs, que adquirem conjuntamente insumos como barbante, lã, linha e tecido de algodão, e também para visitantes que desejam comprar bordados. As associações ainda contribuem para que as artesãs sejam reconhecidas enquanto um coletivo tradicional de bordadeiras, tecelãs e costureiras, podendo ser convidadas para eventos e feiras de artesanato (Lemos, 2020, p. 114). Em Turmalina, destaca-se a Festa do Divino, que ocorre anualmente em julho, quando as associações têm um estande próprio. A festividade se configura como uma importante oportunidade de venda e também gera outras demandas, como a contratação de tecelãs e bordadeiras para a confecção de vestuário do cortejo e de bolsas com os símbolos tradicionais do evento.

> *A responsável pelo figurino da Festa do Divino, que é essa festa aqui que acontece em Turmalina, a festa mais famosa religiosa que a gente tem, já me visitou e comprou R$ 1.700,00 em tecidos e me encomendou aqui. Já é da encomenda que vai incluir no grupo lá do cortejo, que é riquíssimo.*
>
> — **Noeme do Carmo Santos**, tecelã
> Artever, Veredinha, 21 maio 2026

Desse modo, as associações possibilitam que as artesãs divulguem seus trabalhos, conferindo-lhes visibilidade dentro e fora do município de origem. Juntas, buscam maneiras de ajudar umas às outras, melhorar a produção artesanal e as vendas, e sobreviver realizando um ofício que lhes dá satisfação.

> *Toda minha família tem um pezinho no artesanato. Minha avó costura desde sempre. Eu tinha máquina há mais de dez anos e fui aprendendo em casa mesmo, com minha mãe: costura, bordado, crochê. Eu trabalhava fora e, depois da minha segunda gravidez, optei por ficar em casa. Parei pra pensar no que eu queria fazer, porque também gosto de coisas diferentes. Comecei no macramê e depois fui pro crochê. Deve ter um ano que comecei a fazer as roupas. Minha habilidade com as mãos é um dom que Deus me deu, e eu agradeço todos os dias. Eu amo. Às vezes, a pessoa faz porque sabe, mas eu começo uma peça e fico louca, nem durmo pra terminar e ver o resultado. Então é porque eu gosto mesmo, e é isso.*
>
> — **Renata Cordeiro Rocha**, bordadeira e costureira
> Astur, Turmalina, 19 maio 2026

> *Hoje eu não tenho a renda total do bordado. Pelo tecido, comecei só agora também. Mas minha expectativa é que, sim, vire a minha realidade financeira, sabe? É uma coisa que eu amo fazer, tenho prazer em fazer. Na hora que eu sento, esqueço de tudo; a gente esquece de cozinhar, esquece de menino, esquece de tudo. Então é uma coisa muito prazerosa pra mim.*
>
> — **Thaís Aguilar de Abreu**, bordadeira e tecelã
> Astur, Turmalina, 19 maio 2026

> *Às vezes, a gente fala assim: "Bordado não dá dinheiro, não tá dando renda, não tá compensando". Mas vai ver se quem produz para de fazer. Ninguém para. Faz por amor mesmo.*
>
> — **Lívia Pinheiro de Azevedo**, bordadeira
> Turmalina, 19 maio 2026

> *Já estou associada há um tempinho. Amo fazer parte da Associação e amo também o que eu faço.*
>
> — **Sebastiana Roberto Azevedo**, crocheteira e fiandeira
> Artever, Veredinha, 21 maio 2026

> *Tem muito tempo que sou da Associação, mas amo o que eu faço, sabe? Gosto da Associação e gosto de fazer tudo. Eu fio o algodão, faço crochê, bordo. Hoje sou aposentada, mas não quero parar, sabe? Enquanto Deus me der saúde, quero continuar. Amo demais mexer com o crochê.*
>
> — **Maria de Lourdes Alves Cordeiro**, fiandeira, crocheteira e bordadeira
> Artever, Veredinha, 21 maio 2026

Embora cada associação tenha conseguido espaço próprio, ainda é insuficiente para reunir todas as associadas e possibilitar o trabalho nas sedes. Cada uma trabalha em sua casa, reforçando a ideia da "casa-ateliê" proposta pela pesquisadora Isabel Carvalho.[10] São mulheres que elaboram suas práticas em meio às rotinas domésticas e familiares, nas quais filhos e idosos integram a dinâmica do fazer artístico.

> *Essa questão do artesanato me deixa mais próxima, mais presente no dia a dia com as crianças. Meu ateliê é em casa, então eles estão sempre ali, juntos, e a gente consegue conciliar a educação e a criação dos filhos com o trabalho.*
>
> — **Afaenes Silva Macedo**, costureira e bordadeira
> Astur, Turmalina, 19 maio 2026

> *Agora eu tô em casa; 100% em casa. A gente tá acompanhando ali o dia a dia do desenvolvimento das crianças. Então, na parte da manhã, eu tô com as crianças; na parte da tarde, já tô produzindo peça. Além de ser prazeroso, a gente, como mãe, consegue acompanhar o desenvolvimento das crianças. Acho que o artesanato, emprego nenhum, CLT, ser empresário, não proporciona isso pra gente. E, pra mãe que às vezes trabalha fora, a gente entende também como é sofrido perder, às vezes, o crescimento do filho. O artesanato, pra mim, é sensacional.*
>
> — **Thaís Aguilar de Abreu**, bordadeira e tecelã
> Astur, Turmalina, 19 maio 2026

PHILIPE
DEUS

Espaço onde a tecelã Zulmira realiza a etapa da urdidura | Turmalina

Tecer e bordar fazem parte do dia a dia dessas mulheres, das mais velhas, já aposentadas, às mais novas, que encontram na arte têxtil formas de conciliar o cuidado da família com a geração de renda. As peças expressam a inventividade e a subjetividade das artesãs. Elas tecem e bordam em casa, mas também em qualquer espaço disponível, explorando brechas e possibilidades para desenvolver seu trabalho criativo.

Casa-ateliê de Afaenes Macedo | Turmalina

Casa-ateliê de Renata Rocha | Turmalina

Em 1929, a escritora britânica Virginia Woolf chamava a atenção para a quantidade reduzida de mulheres na literatura, não por falta de genialidade ou capacidade intelectual, mas pela inexistência, ao longo da história, de condições materiais e sociais para que desenvolvessem sua criatividade e liberdade intelectual. A falta de privacidade e de tempo livre, as interrupções, o controle patriarcal e as obrigações domésticas impostas às mulheres seriam alguns dos fatores. Na arte têxtil de Turmalina e Veredinha, observamos que o fazer se entrelaça ao cotidiano, marcado pelos papéis historicamente atribuídos às mulheres, como cuidar, realizar tarefas domésticas e também prover. Nesse sentido, elas bordam e costuram nos momentos e espaços disponíveis: na fila do posto de saúde, do banco ou do mercado, na espera do transporte, em frente à televisão, nas portas e janelas das casas. As mãos não conseguem ficar paradas, mesmo quando já estão cansadas.

> *Hoje em dia, minhas mãos não estão dando mais. Agora mesmo eu vim da fisioterapia, que as mãos não estão conseguindo, sabe? Ficou tudo ruim. Tanto que essas mãos já trabalharam, graças a Deus. Às vezes, eu falo assim: "Ah, não, vou parar". Às vezes, minhas filhas falam: "Ô, mãe, para! As mãos estão ruins". Mas é muita, é muita lã; a gente tem muita linha, a gente tem de tudo, muito, então não consegue parar. Até o dia que Deus ajudar, que a gente aguentar, a gente está fazendo.*
>
> — **Maria Magali de Castro**, bordadeira
> Astur, Turmalina, 19 maio 2026

No contexto de Turmalina, as reuniões, encontros e cursos acontecem em um espaço proporcionado pelo CAV, próximo ao centro da cidade. O CAV é uma associação da sociedade civil sem fins lucrativos, fundada em 1994 a partir da iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Turmalina, com o apoio da Igreja Católica e de organizações não governamentais da época. Atualmente, o Centro consegue levar adiante projetos de apoio à agricultura familiar e ao artesanato por meio de parcerias com órgãos governamentais e não governamentais estrangeiros.[11] Além do bordado de Turmalina e Veredinha, o CAV apoia o artesanato em couro, palha e madeira da Chapada do Norte e a cerâmica de Cachoeira do Fanado, Campo Alegre e Coqueiro Campo, saberes-fazeres já expostos anteriormente na Sala do Artista Popular.[12]

Espaço de atuação do CAV | Turmalina

No espaço reservado à arte têxtil de Turmalina e Veredinha, no interior do CAV, as associadas conseguem acumular conhecimentos desenvolvidos coletivamente e transmiti-los umas às outras. É ali que se reúnem para pensar e desenvolver novas coleções, fazer os cursos oferecidos em parceria com a Codevasf e decidir sobre a participação em editais e feiras. O espaço em frente à garagem do escritório do CAV ganhou recentemente um contêiner, com dois teares grandes, muitas máquinas de costura e insumos como lãs, barbantes e linhas coloridas. À frente do contêiner, há uma placa: "Unidade de Produção de Vestuário — Turmalina". O espaço foi montado a partir de uma parceria do CAV com a Codevasf, com o objetivo de ser utilizado para cursos — como o de reaproveitamento de banners em peças de vestuário, ocorrido em maio de 2026 — e para o uso a critério das artesãs.

Em conversas com as associadas, muitas contaram que prevalece o "trabalho em rede": em geral, elas são as "donas das peças", responsáveis por decidir o tipo (cama, mesa, banho, vestuário), o desenho ou a temática a ser bordada, o ponto do bordado, a combinação das cores, o tamanho do tecido e a forma de acabamento. As beneficiadas indiretas, não filiadas à associação, são contratadas pelas "donas das peças" para realizar uma das etapas do processo de produção, sendo mais comum o serviço de acabamento em crochê.

A produção têxtil em Turmalina e Veredinha se mostra fortemente como atividade social e coletiva. O tecido em algodão é comprado de tecelãs da região — atualmente, as únicas que fornecem tecido para as bordadeiras são as irmãs Zelita (Astur) e Noeme (Artever), que possuem teares em casa e atendem parte das demandas locais. A tecelã Zulmira Oliveira atende às demandas na zona rural, na comunidade de Jacuba, fornecendo cobertores, tecidos para selas de cavalo e tapetes. Thaís, pertencente à nova geração, trabalha com bordado, mas vem aprendendo a tecer com Zelita e em cursos oferecidos no CAV. Tecidos também são encomendados de Berilo, que apresenta uma produção tradicional já documentada pela 90ª edição da Sala do Artista Popular, em 2000.[13]

Tear de dona Zulmira na comunidade rural de Jacuba | Turmalina

Dona Zelita no tear do CAV | Turmalina

Tear comprado por Thaís para aprender a tecer em sua casa
Turmalina

A etapa seguinte é a definição do desenho do bordado. No bordado livre, ele é desenhado previamente no tecido. No caso do ponto-cruz, feito pela maioria das bordadeiras da região, o desenho é reproduzido a partir de alguma peça-modelo, buscado na internet junto com seu gráfico ou retirado de revistas de costura. Algumas artesãs fazem todo o bordado; outras contratam uma bordadeira para terminar o trabalho iniciado por elas; outras, ainda, contratam alguém para fazer o bordado inteiro a partir de um desenho predefinido.

Ponto livre sendo feito a partir do desenho em tecido, por Monique Veredinha

Ponto-cruz feito por Lívia em sua casa
Turmalina

Revistas sobre ponto-cruz, de onde são retirados os gráficos | Veredinha

Terminado o bordado, a “dona da peça” contrata uma crocheteira para dar o acabamento, fazendo um contorno em crochê que, no caso das colchas, pode ser extenso e trabalhoso. A peça finalizada é exposta na associação e nas redes sociais; o lucro da venda fica com a “dona”.

Detalhes do acabamento em crochê aplicado à peça bordada

Apesar de não criarem a estética dos modelos finais das peças, trata-se de um processo que gera renda para muitas mulheres que precisam. O saber-fazer envolvido na produção de barras de crochê para colchas, centros e caminhos de mesa, panos de prato, capas de almofadas e travesseiros é sempre manual, e sua repetição não implica fazer sempre o mesmo. Cada peça é única e resultado de um trabalho feminino em rede.

Técnicas empregadas na arte têxtil de Turmalina e Veredinha e sua transmissão geracional

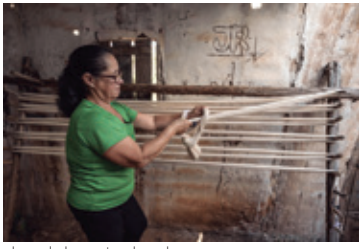
Diferentemente da realidade dos séculos 19 e da primeira metade do 20, quando predominava a tecelagem em teares manuais, nos anos 1980 a introdução do barbante industrializado contribuiu para acelerar o processo de produção dos tecidos. Seu uso dispensa a fiação artesanal, que usava o fuso ou a roda, e o tingimento com sementes e cascas naturais.[14] Os barbantes, em tom cru ou coloridos, são comprados em grande quantidade pelas associações e revendidos às tecelãs.

Matérias-primas usadas anteriormente, quando ainda se fazia o fio a partir do algodão colhido

De famílias tecelãs tradicionais, Zelita e Noeme contam que aprenderam a tecer com a mãe e a avó. Noeme trabalhou como técnica de enfermagem e, quando se aposentou, decidiu se aprofundar na tecelagem. Foi até Carmo do Rio Claro (MG), onde comprou seus teares e fez cursos. Zelita, irmã mais velha, também ensinou Noeme e, desde criança, conciliava o trabalho agrícola com a tecelagem. As pessoas levavam a matéria-prima e ela tecia conforme a demanda. Agasalhos, cobertores, lençóis, colchões, travesseiros, calças, vestidos e toalhas de banho eram as peças mais encomendadas pelas famílias da região.

Zelita conta que só passou a usar a linha pronta a partir de 2002 e que, até então, fiava a partir do algodão colhido. E complementa: "O barbante é muito melhor que o fio de algodão, ele não quebra à toa". Cada peça requer um fio de espessura específica: nº 3 para roupas; nº 5 ou 8 para caminhos de mesa, almofadas e tapetes; nº 10 com nº 3 para colchas e tapetes. O preço do tecido varia conforme o fornecimento da matéria-prima: R$ 20,00 o metro quando ela fornece e R$ 8,00 se a pessoa levar o barbante.

A tecelagem começa com a urdidura, que consiste em preparar os fios destinados a receber a trama. Os conjuntos de fios são distribuídos e presos no tear horizontal, no sentido longitudinal, e passados pelas duas folhas de liço. São elas que, acionadas pelos pés da artesã, fazem subir um conjunto de fios enquanto descem outro, alternadamente, para que os fios da trama, ajudados pela lançadeira, passem entre eles, atravessando o conjunto em sua largura e, assim, formem o tecido, composto de fios na vertical (urdidura) e na horizontal (trama). Depois, a cada passada, é preciso "bater" para aproximar os fios e deixar a trama justinha, sem irregularidades. A tecelagem exige boas condições físicas das artesãs: o manejo do tear requer esforço e movimentação contínua de pés e braços. Também ouvimos descrições de teares nos quais as artesãs trabalham sentadas na beira de um banco.



Dona Zulmira prepara a urdidura, movimentando-se de um lado a outro do urdume

Preparo da canela, onde o fio é enrolado, para ser encaixado na lançadeira, e passado de um lado a outro

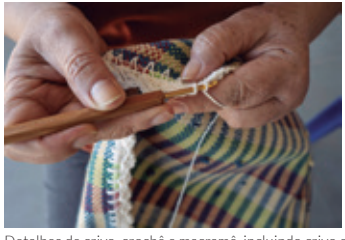
Batimento da trama com o pente, aproximando e ajustando os fios para dar forma ao tecido

A atividade têxtil mais comum entre as artesãs de Turmalina e Veredinha é o bordado. A maioria das associadas e beneficiadas indiretas se dedicam a ele, sendo o ponto-cruz o mais tradicional da região. O bordado em ponto-cruz é feito com lã em tecidos de algodão mais grossos ou em etamine, tecido mais fino. Todas as lãs e linhas são compradas prontas, feitas industrialmente. Os desenhos são reproduzidos de peças usadas como modelo ou buscados na internet, em redes sociais como o Pinterest. As temáticas preferidas são florais, com motivos grandes e cores vibrantes, como vermelho, rosa, verde, azul e amarelo. Algumas bordadeiras utilizam desenhos de revistas de costura, doadas por parceiros ou colaboradores.

Em todos os casos, para bordar a imagem é necessário seguir um gráfico, de modo que um único erro na passagem da lã pode comprometer todo o bordado, obrigando a artesã a desfazê-lo e recomeçar.

Detalhes do bordado em ponto-cruz

Também identificamos o bordado livre ou estilo rococó em tecidos variados, com linhas coloridas. Nesse trabalho, há maiores possibilidades de inovação e criação: o desenho é feito à mão no próprio tecido e depois bordado. O crochê, realizado com agulha de ponta curva, está presente nos acabamentos das peças em ponto-cruz e na produção de roupas, bolsas e acessórios. O macramê, técnica feita com nós, também é usado em acabamentos e acessórios. Observamos ainda a costura artesanal de roupas a partir de sacos de algodão, pijamas de flanela e lingeries, utilizando agulha, tesoura e máquina de costura de pequeno porte.



Detalhes de crivo, crochê e macramê, incluindo crivo em bastidor

É possível observar certa uniformidade na produção, o aprimoramento dos pontos ao longo do tempo, com controle da qualidade pelo verso do bordado, e a padronização das temáticas florais. Isso, porém, não impede outras possibilidades. Para as novas gerações, a sobrevivência caminha conjuntamente com questões do mundo da arte, com novas combinações de cores e tendências puxadas pelas artesãs mais novas, como as coleções "Cama e Mesa" e "Terra Tecida".[15] Na primeira, as artesãs se voltam à produção de peças exclusivas para uso doméstico (jogos americanos, guardanapos, toalhas de mesa, colchas, capas de almofada, travesseiros, peseiras e toalhas), revisitando o caráter utilitário das atividades têxteis. Na segunda, produzem peças que dialogam com a arte em cerâmica da região do Jequitinhonha. Lãs e linhas em tons terrosos, tecidos de algodão cru e desenhos pensados a partir da observação da paisagem local compõem as peças. Nesse trabalho, todo o processo é criado pelas artesãs, inclusive os gráficos utilizados no bordado.

Bordado livre em bastidores da coleção Terra Tecida

Colete da coleção Terra Tecida com ipê-do-cerrado

A transmissão do conhecimento da arte têxtil ocorre de geração a geração: as mulheres mais velhas aprenderam os ofícios do tear e do bordar com suas mães e avós. Entre as artesãs mais jovens, o aprendizado se deu de outras formas: buscaram cursos de capacitação oferecidos pelo Senar, Codevasf e CAV, além de vídeos na internet e revistas de costura e bordado. Em todos os casos, percebemos que o aprendizado das diversas expressões da arte têxtil ocorre em vários momentos da vida das artesãs (Lemos, 2020, p. 96). Mesmo as mais experientes, quando em conjunto com outras mulheres, aprendem desenhos e pontos diferentes. Há também inovação quando experimentam novas matérias-primas, marcas de barbante ou linha, combinações de cores, sacos, tecidos e temáticas.

Arte têxtil, gênero e desafios: mulheres que tecem e bordam existências

Historicamente, as técnicas têxteis estiveram associadas, numa certa concepção patriarcal, ao fazer feminino, como extensão do trabalho doméstico (Sauerbronn, 2025). A tecelagem, o bordado e a costura foram considerados "prendas domésticas", colocando a mulher em uma posição de reclusão no espaço privado (Geisel, 1983, p. 14). Durante a colonização, o bordado foi ensinado como um dever nas missões religiosas e em escolas para moças: "um treino de disciplina, paciência e adequação ao papel social destinado a mulheres, figura silenciosa e obediente na hierarquia familiar" (Sauerbronn, 2025, p. 16). Apesar do reforço dos estereótipos de uma feminilidade passiva e submissa, pesquisas recentes buscam reinterpretar essa perspectiva, apresentando o potencial inventivo e desafiador da arte têxtil. Nesse campo, mulheres (e inclusive homens) experimentam novos materiais, técnicas e narrativas que recontextualizam tradições e histórias de suas famílias.

> *Eu quero fazer arte. Não quero fazer tecido para bordar coisas simples. Entendeu? Eu quero trabalhar com arte.*
>
> — **Noeme do Carmo Santos**, tecelã
> Artever, Veredinha, 21 maio 2026

> *A maioria aqui vai recordar: aprendi com o padre Silvano, que tem a irmã Tonica. Eu sou filha única numa casa de oito irmãos. E foi essa irmã Tonica que me ensinou a bordar. Gente, era uma tortura, porque meus irmãos estavam todos brincando na rua e eu tinha que ficar bordando. Aí era horrível. Eu odiava o bordado até um período da minha vida. Depois, já adulta, voltei a gostar. De uns dois, três anos pra cá, estou somente com artesanato, tanto na costura quanto no crochê e no bordado. Trabalho também com produtos recicláveis, reestilização de jeans, material de banner. Hoje, minha principal fonte de renda é o artesanato. Na costura, atuo na linha de lingerie e pijama, com peças confeccionadas sob medida, por encomenda. Mas também confecciono pra participação em feiras.*
>
> — **Afaenes Silva Macedo**, costureira e bordadeira
> Astur, Turmalina, 19 maio 2026

> *Minha cabeça, como dizem, borbulha, é meio fora da casinha. Já tem uns vinte anos que faço costura, que invento. Mas não era uma fonte de renda, sabe? Eu fazia porque era muito curiosa. Consertava, fazia roupa, inventava. Pegava um suplá [sousplat] e fazia uma bolsa. Eu reinvento mesmo. Gosto de fazer, na verdade, roupa mais elaborada, franja, muita franja, uma coisa mais artística, vamos dizer assim.*
>
> — **Renata Cordeiro Rocha**, costureira e bordadeira
> Astur, Turmalina, 19 maio 2026

Hoje, a escolha por bordar e costurar transgride estereótipos construídos no passado. Mulheres bordam, tecem e costuram porque gostam, se sentem bem e valorizadas, não conseguem imaginar a vida sem seu ofício. Tornaram-se provedoras e chefes de família, sem depender financeiramente de um homem. São viúvas, divorciadas, solteiras ou casadas que geram a renda principal da família e decidem os rumos da própria vida.

Além da inventividade própria do fazer têxtil e de sua função no sustento e na independência, muitas das mulheres com as quais conversamos destacaram seu aspecto terapêutico, curativo e de ressignificação emocional. Bordar é também um exercício de subjetividade, uma fissura no tempo acelerado da sociedade contemporânea, de modo que não se pode separar sua materialidade de seu conteúdo simbólico (Mascelani, 2008, p. 21).

> *Aprendi com ela [Nilza, sua mãe] a fazer crochê e bordar. Aprendi nova, acho que tinha uns oito anos quando comecei. Só que não dei muito interesse nisso, não. Quando casei, também não fazia muito. Quando engravidei e perdi meu primeiro filho, vi no artesanato uma forma de escape, uma válvula de escape: nas horas em que eu começava a pensar alguma coisa, ia fazer o bordado. Aí continuei, porque tive outras perdas, e acho que foi o artesanato que me ajudou a sair dessa... Agora, deve ter uns quinze anos, mais ou menos, que minha renda maior é só do artesanato. Faço outros artesanatos e mando pra feira, e consigo também vender na internet. Eu gosto de inventar, gosto de criar. Meus artesanatos de argila mesmo não são iguais aos das meninas lá que fazem, não. Gosto de criar peças pequenas, retratando a cultura daqui, da região. E, no bordado, também gosto de inventar; gosto de testar modelos diferentes.*
>
> — **Edineuma Maria Rodrigues Poeta**, bordadeira
> Artever, Veredinha, 20 maio 2026

> *No início da associação, entrei pra poder expor meus panos de prato. Depois comecei com almofadas e caminhos de mesa. Eu bordava muito com os outros, porque não tinha muita oportunidade de comprar o material, não tinha muito recurso. Aí comecei bordando pros outros, depois fui comprando minhas pecinhas e comecei a fazer caminhos de mesa e colchas. Hoje uso isso como uma terapia, porque não posso bordar muito, já que cuido dos meus pais, que estão idosos. Mas, sempre que eu posso, uso o bordado como uma terapia.*
>
> — **Maria Alves dos Santos**, bordadeira
> Astur, Turmalina, 19 maio 2026

> *Eu sou aposentada rural, mas sempre mexi com artesanato. É uma luta, mas é uma terapia, sabe? Agradeço muito à minha avó; eu tinha nove anos quando ela me ensinou.*
>
> — **Lindaura Pereira Santos Cordeiro**, bordadeira
> Artever, Veredinha, 20 maio 2026

> *O artesanato, pra mim, é uma terapia muito gratificante. Você manda uma peça e recebe elogios, aí dá motivação pra fazer mais. Eu nem consigo me imaginar sem o bordado: todo lugar que eu vou, eu levo.*
>
> — **Lívia Pinheiro de Azevedo**, bordadeira
> Turmalina, 19 maio 2026

Apesar do lugar conquistado por essas mulheres, as artesãs ainda relatam muitos desafios. O primeiro diz respeito ao escoamento da produção, à venda propriamente dita. Embora as redes sociais permitam hoje uma divulgação mais ampla das peças, o volume de vendas ainda é insuficiente para garantir uma sobrevivência confortável. A região recebe poucos turistas e faltam oportunidades em feiras de artesanato. Para obter subsídios, as associações têm concorrido a editais e estabelecido parcerias com prefeituras, órgãos e empresas, mas esses recursos ainda não garantem a participação nas feiras mais importantes, como a Feira Nacional de Artesanato, em Belo Horizonte, a Feira da UFMG, o Salão do Artesanato, em Brasília, e a Fenearte, em Olinda, entre outras. Há custos de inscrição, transporte, hospedagem e alimentação. Tampouco observamos diálogos das associações com os espaços de comercialização de artesanato da região: os que existem não expõem a arte têxtil de Turmalina e Veredinha, apenas a cerâmica, os produtos da agricultura familiar e os móveis rústicos em madeira e couro de Chapada do Norte. Igualmente, não observamos parcerias com lojas situadas em centros urbanos maiores, como Diamantina, Montes Claros e Belo Horizonte. As vendas, quando ocorrem, são pontuais e negociadas individualmente por uma ou outra artesã.

Outro desafio são os "golpes", quando clientes pegam peças e não realizam o pagamento. Muitas artesãs relataram prejuízos com "cheques sem fundo" ou vendas fiadas, consequência da prática de entregar o produto mediante a confiança de que o cliente pagaria em data futura. Outro tipo de fraude relatado é a publicação de imagens das peças em sites e redes sociais sem os devidos créditos de autoria.

A falta de perspectiva econômica em relação à arte têxtil é uma das explicações encontradas para o não interesse das novas gerações em aprender as técnicas de tecelagem e bordado. São processos longos, que exigem concentração, precisão e esforço físico por muitas horas. A histórica desvalorização das atividades têxteis, associadas preconceituosamente a pessoas desempregadas, que não tiveram oportunidade de se formar em uma profissão, ou à extensão do trabalho doméstico, não sendo consideradas um trabalho ou ofício, ainda é reproduzida na região. É nesse contexto que se situa o debate sobre a arte têxtil hoje, no Brasil e em outros países: a dificuldade de as práticas têxteis serem consideradas arte devido à posição subalterna relegada às atividades vistas como "essencialmente femininas" no contexto das sociedades patriarcais (Simioni, 2007).

As tecelãs, bordadeiras e costureiras de Turmalina e Veredinha vêm, no entanto, desafiando essa realidade na medida em que concebem suas peças de forma completa: conhecem todas as etapas de confecção, escolhem matérias-primas, desenhos e cores, confeccionam ou buscam seus gráficos, definem acabamentos e se empenham na exposição e venda. Sozinhas ou em rede, são protagonistas de sua própria arte. Nos tecidos e bordados, como salientou Sauerbronn (2025), estão seus registros de vida e presença, revelados na materialidade dos pontos.

Maria de Lourdes e Ilma Gonçalves de Oliveira, mãe e filha, exibem suas peças

CAV
ACODEFAV
EFAV
CAV

Notas

[1] Cf. Gomes (2019).

[2] Cf. Basso (2025).

[3] Cf. Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (2025).

[4] Cf., respectivamente: *A Lira do Vale: ceramista e musa do Jequitinhonha* (Frota, 1994); *Mestre Isabel e sua escola: cerâmica no Vale do Jequitinhonha* (Souza, 1995); *Arte do barro, arte na vida: Caraí, MG* (Waldeck, 2019); *Fantástico feminino: a arte de Rosana Pereira* (Gervásio, 2025).

[5] Termo cunhado pela historiadora Laura de Mello e Souza (1982 [2017]) para se referir à população pobre de Minas Gerais após a decadência da atividade mineradora. Eram brancos, indígenas, negros libertos e alforriados e quilombolas.

[6] A Acesita era uma empresa estatal que ficou com a maior parte das terras do Alto Jequitinhonha na década de 1970. Nos anos 1990, foi privatizada e comprada pelo grupo ArcelorMittal, maior acionista da Aperam. Hoje, as terras pertencem à Aperam, uma das maiores produtoras de aço inox da região. Apesar de ostentar certificado de boas práticas ambientais, muitos agricultores afirmam que a empresa produziu um "deserto verde". Cf. Camargos; Fant; Picaud (2025).

[7] Nesse processo, muitas pessoas tiveram que buscar trabalho em outros lugares, especialmente os homens, que saíam para trabalhar e retornavam meses depois.

[8] Sobre a história da Cooperativa, ver: https://www.asminasgerais.com.br/?item=ALBUM&codAlbum=48. Acesso em: 8 jul. 2026.

[9] A Codevasf é uma empresa pública de direito privado, criada em 1974 e atualmente vinculada ao Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. Entre suas missões estão contribuir para erradicação da pobreza e fomentar o desenvolvimento sustentável das bacias hidrográficas. Para saber mais: https://www.gov.br/codevasf/pt-br/acesso-a-informacao/institucional. Acesso em: 8 jul. 2026. A empresa é uma das parceiras das associações, contribuindo com a compra de teares, espaços de trabalho, insumos, embalagens etc.

[10] Isabel Carvalho é historiadora da arte, com doutorado pela UERJ. É autora de cursos sobre mulheres e história da arte têxtil.
Ver: www.umtetoseu.com. Acesso em: 10 maio 2026.

[11] Sobre o Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica,
cf: www.cavjequi.org. Acesso em: 9 jul. 2026.

[12] Cf. Pinto (2003) e Teixeira (2010).

[13] Cf. Aguiar (2000).

[14] Cf. Maureau; Fonseca; Altafin (1984).

[15] As novas coleções foram desenvolvidas a partir de capacitações feitas pelas artesãs, oferecidas pelo Senar, Sebrae, Codevasf e CAV em 2025 e 2026.

Referências

AGUIAR, Luciana. *Um vale de tramas*: a tecelagem do Jequitinhonha: Berilo, Minas Gerais. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2000. (Sala do Artista Popular, n. 90).

BASSO, Gustavo. "Eldorado do lítio" brasileiro não entrega riqueza prometida. *Deutsche Welle*, Araçuaí, 14 mar. 2025. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/eldorado-do-l%C3%ADtio-brasileiro-n%C3%A3o-entrega-riqueza-prometida/a-71745648. Acesso em: 13 jul. 2026.

MAUREAU, Xavier; FONSECA, Maria Cecília Londres; ALTAFIN, Glória (org.). *Tecelagem manual no Triângulo Mineiro*: uma abordagem tecnológica. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. (Publicações da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 36).

CALIXTO, Juliana Sena; GALIZONI, Flávia Maria; MACEDO, Renato Luís Grisi; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Trabalho, terra e geração de renda em três décadas de reflorestamentos no alto Jequitinhonha. *RESR*, Piracicaba, v. 47, n. 2, p. 519-538, abr./jun. 2009.

CAMARGOS, Daniel; FANT, Simone; PICAUD, Emmanuelle. Grande sertão, sem veredas: 'aço verde' que brilha na Europa seca o Jequitinhonha. *Repórter Brasil*, Turmalina e Paris, 3 abr. 2025. Disponível em: https://reporterbrasil.org.br/2025/04/aco-verde-aperam-seca-veredas-vale-jequitinhonha/. Acesso em: 15 jun. 2026.

FROTA, Lélia Coelho. *Bonecos e vasilhas de barro do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais - Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte; INF, 1984.

FROTA, Lélia Coelho. *A Lira do Vale*: ceramista e musa do Jequitinhonha. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 1994. (Sala do Artista Popular, n. 52).

GEISEL, Amália Lucy; LODY, Raul. *Artesanato brasileiro*: tecelagem. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

GERVÁSIO, Flávia Klausing. *Fantástico feminino*: a arte de Rosana Pereira. Rio de Janeiro: CNFCP, 2025. (Sala do Artista Popular, n. 210).

GOMES, Maira. Vale do Jequitinhonha, uma terra em desenvolvimento. *Brasil de Fato*, Belo Horizonte, 25 jul. 2019. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2019/07/25/vale-do-jequitinhonha-uma-terra-em-desenvolvimento/. Acesso em: 13 jul. 2026.

LEMOS, Liliane Benevenuto. *Fiando o canto*: sabedoria e imaginação simbólica na tessitura da tecelã. 2020. 246 p. Dissertação (Mestrado em Cultura, Filosofia e História da Educação) – Programa de Pós-Graduação Cultura, Filosofia e História da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MASCELANI, Angela. *Caminhos da arte popular*: o Vale do Jequitinhonha. Fotos: Lucas Van de Beuque. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal, 2008.

PINTO, Maria Dina Nogueira. *No vale das artes*: Chapada do Norte. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 2003.

RIBEIRO, Núbia Braga. *Os povos indígenas e os sertões das Minas do Ouro no século XVIII*. 2008. 405 p. Tese (Doutorado em História) — Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1938.

SAUERBRONN, Laura Medeiros. *O outro é um mundo em mim*: um entrelace entre arte têxtil, memória afetiva e representação feminina. 81 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS (Secult-MG). Governo de Minas lança a 40ª edição do Festivale e celebra a cultura popular do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: https://www.secult.mg.gov.br/noticias-artigos/8590-governo-de-minas-lanca-a-40-edicao-do-festivale-e-celebra-a-cultura-popular-do-vale-do-jequitinhonha. Acesso em: 13 jul. 2026.

SILVA, Emília Pereira Fernandes da; GALIZONI, Flávia Maria; LIMA, Vico Mendes Pereira; RIBEIRO, Eduardo Magalhães; PAULA, Érick José Simão de; SANTOS, Alan Oliveira; SANTOS, Ana Flávia Rocha. Metamorfose da chapada: monocultura de eucalipto e tomadas de terras e águas no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 17, n. 44, p. 63-89, abr. 2022.

SILVA, Maria A. Moraes. Fiandeiras, tecelãs, oleiras... Redesenhando as grotas e veredas. *Projeto História*, São Paulo, n. 16, p. 75-104, fev. 1998.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 45, p. 87-106, set. 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro*: a pobreza mineira no século XVIII. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

SOUZA, Marina de Mello e. Mestre Isabel e sua escola: cerâmica no Vale do Jequitinhonha. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 1995. (Sala do Artista Popular, n. 59).

TEIXEIRA, Raquel Dias. *Nos campos do vale*: cerâmica no Alto Jequitinhonha. Rio de Janeiro: CNFCP, 2010.

WALDECK, Guacira. *Arte do barro, arte na vida*: Caraí, MG. Rio de Janeiro: CNFCP, 2019. (Sala do Artista Popular, n. 199).

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Tordesilhas, 2014.

Sites consultados

IBGE Cidades@
www.cidades.ibge.gov.br

As Minas Gerais - Cooperativa Artesanal Regional de Diamantina
https://www.asminasgerais.com.br/?item=ALBUM&codAlbum=48

Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf)
www.gov.br/codevasf

Um teto seu
www.umtetoseu.com

Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV)
www.cavjequi.org

Contatos para comercialização

Maria Nilza Rodrigues Maciel
presidente da Artever
(38) 9998-42408
@artever_veredinha

Maria Aparecida Oliveira (Cida)
presidente da Astur
(38) 99256-0045
@astur.turmalina

Ilma Gonçalves de Oliveira
presidente da Soarte
(38) 99921-4389
@soarteturmalina

Sala do Artista Popular | CNFCP
Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000
mercado.folclore@iphan.gov.br
www.cnfcp.gov.br

RIO DE JANEIRO, 17 DE SETEMBRO A 29 DE NOVEMBRO DE 2026

MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR